Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 67-91
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_76

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

RESEARCH ARTICLE

Alteridades no Atlântico: A génese do cosmopolitismo madeirense em *A Sketch of Madeira* (1851) de Edward Vernon Harcourt

Liliana Pestana

Universidade da Madeira, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-2878-3564

ABSTRACT

This article examines the social, cultural, and human landscape of the island of Madeira as portrayed in *A Sketch of Madeira* (1851) by Edward Vernon Harcourt. Based on the premise that human beings play a major role in reconfiguring the territory, this study explores how the British presence on the island and its relationship with the local population contributed to transforming Madeira into a cosmopolitan hub in the 19th century. Drawing on an interdisciplinary approach that brings together History, the Blue Humanities, and Island Studies, the article analyzes Madeira's evolution from an isolated Atlantic geography into a European destination of therapeutic tourism. The study focuses on Harcourt's account of the socioeconomic disparities between islanders and visitors, as well as on hospitality, education, and religious tolerance on the island. It concludes that Madeira's insularity was not characterized by isolation; rather, the island evolved into a space of survival and healing in which cultural dialogue, despite being conditioned by social, economic, and linguistic barriers, was crucial to the construction of a cosmopolitan and resilient identity.

ARTICLE HISTORY
Received 17/05/2026
Accepted 10/09/2026

KEYWORDS
Madeira Island; Human landscape; Cosmopolitism; Intercultural dialogue, Travel literature; Therapeutic tourism.

Introdução

No panorama da literatura de viagens oitocentista sobre a Ilha da Madeira, a obra *A Sketch of Madeira* (1851) de Edward Vernon Harcourt surge não como um simples guia de viagens dedicado ao leitor britânico, mas como um denso registo de alteridades identitárias, entre o ilhéu e o estrangeiro.

* **CONTACT Liliana Pestana** Email: 2027196@student.uma.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

Esta profundidade analítica deve-se, em grande medida, ao perfil do autor. Edward Vernon Harcourt (1825-1891) não era um viajante comum, pois integrava a elite intelectual e política britânica. Filho do Arcebispo de York, com formação em Oxford, trouxe consigo um rigor académico que moldou a sua perceção da Ilha ao longo das três visitas que realizou à Madeira, uma das quais acompanhado pela sua noiva, Susan Vernon Harcourt.

Em meados do século XIX, a Ilha consolidava-se como o principal "sanatório" do Império britânico, para uma aristocracia de "invalids" e viajantes cultos que o próprio Harcourt personificava. Contudo, o seu domínio da Ilha é construído através de uma objetividade científica, uma vez que Harcourt não se limita a descrever impressões, mas cataloga estatísticas, tabelas climatéricas e dados botânicos, posicionando-se como um mediador que reproduz o exotismo da Ilha para o leitor britânico.

Esta postura é fundamental para compreender a sua relação com os ilhéus. Harcourt observa as pessoas locais com a mesma precisão com que descreve uma paisagem, ao integrar o ser humano como um recurso vital ou uma curiosidade da Ilha, e ao construir um registo do que o visitante estrangeiro deve esperar dos habitantes locais quando chegam à Madeira: uma hospitalidade ordeira, uma força de trabalho resiliente e uma alteridade pitoresca que não ameaça, mas serve.

Esta dinâmica, marcada por assimetrias, convida a uma leitura à luz dos estudos insulares e das Humanidades Azuis. Através desta lente, pretende-se compreender como a influência entre a operação humana local sobre a paisagem e a presença estrangeira transformou a Madeira de uma Ilha isolada no meio do Atlântico para uma conectividade europeia e cosmopolita em pleno século XIX.

Para o visitante britânico, a Ilha da Madeira oitocentista representava um santuário terapêutico, marcado pela singularidade exótica e pitoresca dos seus habitantes. Esta perceção confere à Ilha um olhar único e externo, do que vem de longe e não conhece, do que chega e ocupa, onde a contemplação estética do estrangeiro sobre a paisagem colide com a vivência funcional e resistente do habitante local. O ilhéu, nesta narrativa, não só deixa de ser um sujeito autónomo para se tornar parte integrante de uma rede de suporte físico e logístico na busca da cura e do bem-estar do visitante, como também se torna uma peça fundamental no desenvolvimento da Ilha.

Diante desta dinâmica, o presente estudo aborda a seguinte questão: de que modo a elite britânica e os habitantes locais reconfiguraram a Madeira de uma Ilha geograficamente isolada para uma "Paisagem-marca" e numa "cidade-refúgio" cosmopolita no século XIX? Para tal, procura-se analisar como a presença da nacionalidade britânica atuou como um incentivo para a criação de uma "Paisagem-marca"[1]. A Ilha, ao acolher estes estrangeiros, criou infraestruturas e serviços que consolidaram a Madeira como um centro internacional

[1] Berque (2012, p. 240).

e uma "cidade-refúgio"[2] para uma elite europeia. Ao longo do texto exploram-se as tensões entre o isolamento geográfico e a abertura ao "outro", observa-se como as diferenças sociais e o desenvolvimento do turismo terapêutico edificaram uma sociedade resiliente.

Mediante o cruzamento da narrativa histórica de Harcourt com o enquadramento teórico dos estudos insulares, esta reflexão pretende demonstrar como o isolamento, a escala reduzida da Ilha ditaram os limites e as possibilidades desta coabitação forçada. Simultaneamente, no âmbito das Humanidades Azuis, analisa-se como o oceano Atlântico deixou de ser apenas uma barreira para se tornar num vetor de ligação intercultural e um regulador climático que atraía os enfermos. De igual modo, esta reflexão pretende demonstrar como a insularidade madeirense não deve ser interpretada como um isolamento estéril, mas como um espaço dinâmico de sobrevivência. Revela-se, por fim, como o oceano e o diálogo intercultural conferiram à Ilha da Madeira e aos madeirenses uma identidade insular versátil, cujas transformações lançaram as bases primitivas de uma coexistência eco-cultural atlântica.

1. A "Paisagem humana" na senda do cosmopolitismo

Segundo J. Vieira Natividade (1953), a Ilha da Madeira "é a epopeia do trabalho, a glorificação do espaço humano"[3], uma premissa que sublinha a importância da intervenção dos residentes na construção da identidade insular. Do mesmo modo, Harcourt, ao descrever o contexto madeirense, não se limita a descrever a paisagem da Ilha, uma vez que a sua narrativa estabelece uma transição dialética entre a paisagem terrestre e a caracterização dos seus habitantes, materializada na análise que faz das levadas e dos poios (socalcos). Neste contexto, o autor demonstra que os ilhéus estão organicamente inseridos no ambiente insular, através de uma relação de profunda dependência e superação com os limites impostos pela Ilha. Estas estruturas não são apenas a face visível de uma paisagem transformada, mas sim a prova de uma coexistência inevitável e da resiliência do habitante local perante a Ilha.

Esta interdependência encontra eco teórico nas reflexões de Leo Name (2011), quando diz que o étimo francês medieval *paysage*[4] se apresenta com uma dualidade semântica, designando simultaneamente "habitante" e "território"[5]. Segundo o autor, através de uma "perspetiva dinâmica e diacrónica"[6], a paisagem é resgatada de uma manifestação estética para se afirmar como uma construção cultural, onde o espaço

[2] Monteiro (2022).
[3] Natividade (1953, p. 29).
[4] Name (2011, p. 165).
[5] Ibid.
[6] Ibid.

geográfico e a práxis humana se fudem, como refere: "paisagens culturais [...] as que possuem a presença do homem"[7].

Deste modo, o leitor assiste a uma descrição da paisagem humana, quando Harcourt elabora a morfologia social da Madeira, por meio de vários pontos fundamentais. Estamos perante uma estratificação social que não só reflete uma herança histórica, mas também espelha uma economia periférica integrada em comércios globais, onde o estatuto social se funde com o económico.

Neste contexto, o autor estebelece uma supremacia da comunidade e a elite comercial, ao identificar na elite mercantil, com o principal foco na colónia inglesa, os que estavam no topo da hierarquia social. Não só eram estes aristocratas que detinham maior capital financeiro, como também eram aqueles que exerciam maior influência social, cultural e política, e tinham a capacidade de construir uma Madeira moderna.

De igual modo, entre a elite mercantil e a massa rural, Harcourt dá conta de uma elite intermédia, composta por militares, funcionários da administração local e pequenos proprietários urbanos, que desempenhavam um papel importante na manutenção da ordem administrativa e na mediação entre os interesses continentais e as complexidades insulares.

Por outro lado, num pantamar inferior, Harcourt revela o mundo rural madeirense, caracterizado por trabalhadores agrícolas, submetidos a contratos coloniais, que viviam num ciclo de subsistência percário e se encontravam dependentes dos proprietários de terras (senhorios), aqueles que eram mais vuneráveis às crises alimentares e sanitárias.

Finalmente, no fundo da pirâmide, Harcourt coloca a mendicidade, não omitindo do leitor britânico uma camada da sociedade Funchalense que vivia na extrema pobreza comparada à opulência da elite comercial. Trata-se de uma visão holística e crua da realidade madeirense, na qual o autor revela uma paisagem humana marcada por contrastes flagrantes entre o luxo das quintas e a miséria da maioria dos habitantes da Ilha. Será correto afirmar que esta versão de Harcourt sobre a população madeirense constituiu uma metáfora dos fatores identitários da comunidade insular em contraponto ao espaço continental.

Esta estratificação, porém, não surge passivamente no quotidiano da Madeira oitocentista. Paralelamente, Harcourt informa o leitor de uma parte da população que, devido à extrema pobreza vivida na Ilha, se aventura à procura de um futuro melhor, quando documenta a emigração madeirense como uma constante histórica. O autor regista que, entre 1835 e 1847, a procura de melhores condições de vida impulsinou vagas migratórias, sendo que entre 1835 e 1850 cerca de 35 000 madeirenses emigraram. Estes dados evidiciam uma "paisagem humana" em movimento, em que a insularidade atua simultaneamente como espaço de confinamento e como ponto de partida, enquanto

[7] Name (2011, p. 169).

confere à identidade madeirense uma "resistência modelar"[8] de resiliência e sobrevivência humana.

Do mesmo modo, sob o prisma das Humanidades Azuis, que reconhecem nas pessoas, a par de outras espécies do planeta, um dos "agente[s] ativo[s] nos processos ecológicos"[9], a narrativa de Harcourt permite interpretar as relações humanas como um investimento no território[10]. Ao longo da obra, o leitor toma consciência de que o território se altera para receber os *invalids* britânicos. Neste contexto, o ilhéu não se limita a habitar o espaço, mas torna-se a génese de uma "nova eco-ética"[11], aquele que se abre a um "diálogo intercultural"[12], ao renovar a Ilha da Madeira num espaço de "solidariedade Universal"[13].

Exemplo desta transformação verifica-se quando Harcourt descreve as quintas, cuja arquitectura[14] e propósito refletem a reconfiguração do território. As quintas deixam de ser núcleos agrícolas isolados para se transformarem em pólos de desenvolvimento turístico e residencial. Tal processo exigiu um forte impacto sobre a paisagem: abertura de novas estradas, alargamento das vias terrestres e adaptação dos meios de transporte locais às necessidades desta elite, otimizados para oferecer conforto a estes visitantes e ligar estas propriedades ao centro do Funchal.

Perante os constrangimentos da sua condição insular e as adversidades da natureza, os habitantes não se limitaram à subsistência, mas procederam a uma transformação estrutural do espaço insular, construindo infraestruturas e viabilizando economias, um esforço que culminou no desenvolvimento de uma relação empreendedora com a comunidade estrangeira.

Neste contexto, Harcourt identifica e enaltece o maior impulsionador da Madeira, ao dedicar na introdução um elogio a José Silvestre Ribeiro[15]:

> The Civil Governor of Madeira, His Excellency Snr. José Silvestre Ribeiro, [...] To him Funchal owes its Asylo de Mendicidade, the lighting of the principal streets of the town, the bridge in the Ribeiro Secco, the new road along the sea-coast to the

[8] Silva (1983, p. 27).
[9] Brito (2022, p. 463).
[10] Raffestin (2008).
[11] André (2012, p. 61).
[12] Ibid.
[13] Ibid.
[14] Segundo Harcourt (1851, p. 5): "Almost every house is possessed of a turret. [...] This look-out place is of use to the merchant, by enabling him early to discern from it the approach of his vessels, which he recognizes by his private signals". São torres avista navios, cuja incorporação na arquitetura madeirense tinha um propósito comercial, pois a partir destes espaços os comerciantes podiam avistar as embarcações horas antes de atracarem no porto do Funchal e, deste modo, preparar toda a logística inerente ao transporte e comércio do vinho.
[15] José Silvestre Ribeiro ficou responsável por governar a Ilha da Madeira entre 1846 e 1852 (Serrão, Barreto & Mónica, 1984, p. 344).

> westward, the extension of schools over the island, as well as many other benevolent and useful works. His activity in suggesting and carrying out measures for the relief of the sufferers during the dearth of 1847 was beyond praise. He also greatly promoted the industry of the inhabitants by establishing of fabrics and manufactures of the island, and instituting an annual fair in Funchal.[16]

Conforme a descrição de Harcourt, José Silvestre Ribeiro identificou no turismo terapêutico uma oportunidade para dinamizar a Ilha economicamente. O seu programa, com principal foco na cidade do Funchal, colocou em desenvolvimento um conjunto de ações e "meios [para] oferecer comodidades, conforto, distrações, segurança e tranquilidade"[17] à comunidade britânica.

Numa leitura ancorada nas Humanidades Azuis, as ações desenvolvidas por José Silvestre Ribeiro aproximam-se do conceito de "eco-filia"[18], por serem sustentadas com um propósito ambiental e de bem-estar, e por conciliarem a "cultura e natureza"[19] para melhorar a Ilha. Se considerarmos os fundamentos teóricos de Brito, et al. (2022) podemos afirmar que José Silvestre Ribeiro teve uma postura empreendedora, que não foi exclusiva da esfera administrativa, repetindo-se em figuras aristocratas de relevo como o Conde Carvalhal[20], também mencionado pelo autor:

> The Palheiro was chief country residence of the wealthy Count Carvalhal, who formerly owned nearly a third of the island [...] the grounds are laid out after the manner of an English Park: the gardens show signs of former care and magnificence, and are famous for their lofty camelias, and for Portugal Laurels as large as timber trees.[21]

No excerto acima transcrito parece ficar claro que os jardins do Conde Carvalhal tiveram influências inglesas. Importa sublinhar, porém, que o seu contributo conferiu à arquitetura local um valor ecológico e botânico acrescido. Estamos perante uma hibridização entre o estilo europeu e a exuberância local, que não só valorizou a paisagem cultural da Ilha, como também consolidou a biodiversidade madeirense.

---

[16] Harcourt (1851, pp. vii-viii).
[17] Menezes (1849, p. 597).
[18] André (2012, p. 61).
[19] Brito, et al. (2022, p. 35).
[20] Com o nome "João José Xavier de Carvalhal e Vasconcelos de Atouguia de Bettencourt de Sá Machado" (Zuquete, 1989, p. 489), foi nomeado 1.º Conde Carvalhal por D. Maria II em 1835 (Clode, 1984, p. 111). Além de ter sido um proprietário agrícola de grande relevo na sociedade madeirense da sua época, a sua propriedade no sítio do Palheiro Ferreiro primou pela sua arquitetura e vegetação circundante.
[21] Harcourt (1851, pp. 15-16).

A presença britânica no arquipélago foi o principal catalisador da projeção da Ilha nas redes económicas europeias. Devido à escassez da capacidade de investimento local, a Madeira beneficiou dos contatos e do comércio desenvolvidos na Ilha pela comunidade inglesa, que funcionariam como os principais motores de desenvolvimento económico e elevaram a Ilha Oitocentista a "uma centralidade"[22] atlântica, cujas dinâmicas económicas permitiram fomentar um "cosmopolitismo de base mercantil"[23].

Esta circunstância expandiu-se às zonas rurais da Ilha através de uma rede de hospitalidade, como refere Harcourt quando menciona os alojamentos de São Vicente, acolhidos pelo "Snr Manoel Joaquim da Costa Andrade, whose hospitable door has been so often opened to the English traveller"[24]. No Norte da Ilha, o "Dr. Oliveira"[25], em São Jorge, cuja residência de verão e técnicas de cultivo constituiriam um serviço público de modernização agrária, ou ainda o Senhor Luiz Acciaioli[26], em Santa Ana, que, segundo o autor, "unites to the attention of the host the manners of the gentleman, and provides good accommodation on reasonable terms"[27]. Estes são exemplos que corroboram a tese de que a presença estrangeira na Madeira incitou uma resposta adaptativa por parte de elites locais na consolidação de uma infraestrutura de serviços que articulava a Ilha com as exigências do cosmopolitismo europeu.

Numa reflexão atual, podemos verificar como este grupo de individualidades teve um papel fulcral na edificação de um diálogo entre as duas culturas, não só pela construção de uma "cidadania convencional"[28] ao serviço do desenvolvimento insular, como também por contribuírem para o desenvolvimento de um cosmopolitismo estruturado sobre uma "base mercantil"[29] e de "hospedagem"[30], que, em última análise, favoreceu o *status quo* das classes privilegiadas da Ilha.

Neste cenário, sob o prisma das Humanidades Azuis, a obra de Harcourt demonstra que a fixação da comunidade britânica na Madeira do século XIX vai além de um povoamento, de um destino idílico de cura ou, ainda, de uma exploração mercantil. Ao cruzarmos o registo histórico de Harcourt com o quadro conceptual defendido por Elizabeth DeLoughrey (2007), torna-se evidente que a experiência insular se estruturou a partir de um "tidalectic engagement with land and sea and their associated narratives"[31] e que o espaço

[22] Monteiro (2022, p. 37).
[23] Monteiro (2022, p. 82).
[24] Harcourt (1851, p. 18). Sobre Manuel Joaquim da Costa Andrade, consultar *Registo bio-bibliográfico de Madeirenses* (Clode, 1984, p. 111).
[25] Harcourt (1851, p. 21).
[26] Aristocrata madeirense, responsável por administrar o concelho de Santana durante 51 anos (Clode, 1984, p. 14).
[27] Harcourt (1851, p. 21).
[28] Monteiro (2022, p. 39).
[29] Monteiro (2022, p. 82).
[30] André (2012, p. 67).
[31] DeLoughrey (2007, p. 51).

marítimo permitiu a construção de um arquivo de rotas globais. A inserção da Ilha nas redes de comércio britânicas, o fluxo de navios mercantes, as embarcações militares e as frotas imperiais inglesas, igualmente relatadas por Harcourt no capítulo referente à história da Madeira, constituíram um arquivo vivo, que circula, até à atualidade, em relatos de viagens, tratados botânicos e climatéricos. Estes permitiram que a Ilha da Madeira integrasse uma rede de conhecimento empírico, que é indissociável do dinamismo oceânico. Neste contexto, o oceano deixa, assim, de ser um hiato geográfico entre a Grã-Bretanha e a Ilha da Madeira para se assumir como um "agente co-construtor"[32] de uma centralidade oceânica. A comunidade britânica contribuiu, assim, para a construção de um espaço híbrido em que as fronteiras entre a identidade insular e a influência externa se diluem na fluidez de "narrativas partilhadas"[33]. Ao olharmos para a narrativa de Harcourt e o próprio título da obra, *A Sketch of Madeira: Containing information for the traveller, or invaled visitor*, torna-se revelador que a Madeira de Oitocentos se transfigurou num espaço de convergência, transcendendo uma simples estância de cura, para uma polifonia social, onde o investimento económico e o vínculo afetivo da comunidade britânica tornaram a Ilha numa centralidade cosmopolita.

De igual modo, a narrativa de Harcourt vem corroborar a tese de Desmond Gregory (1988), ao facultar dados sobre o contributo dos ingleses para o desenvolvimento económico da Ilha, uma influência especialmente centrada no mercado imobiliário e no conhecimento científico. Harcourt informa o leitor sobre a presença de vários aristocratas britânicos residentes na Ilha. Eram donos das mais requintadas Quintas, cujos padrões estéticos e arquitetónicos elevavam o nível de requinte da hospitalidade insular. Um exemplo pragmático é o do cônsul Henry Veitch, cuja propriedade Harcourt descreve em pormenor:

> Consul, Mr. Veitch. He has built his house on the Italian style, and surrounded it with woods of Spanish Chestnut. In the ground of the house are cultivated the chief varieties of tea grown in China, with many other rare and curious plants.[34]

Considerado por muitos autores um *amateur-architect*[35], Henry Veitch mandou edificar uma quinta no Jardim da Serra[36], em Câmara de Lobos, que se tornaria célebre pela exuberância dos seus espaços verdes. O estilo italiano adotado por Veitch simboliza a transformação da Madeira num laboratório de botânica e do cosmopolitismo arquitetónico. Uma intervenção paisagística que não só desenvolveu e valorizou o património botânico da

[32] Brito, et al (2022, p. 21).
[33] Brito, et al (2022, p. 21).
[34] Harcourt (1851, pp. 10-11).
[35] Destacado por Gregory (1988, p. 79).
[36] Harcourt (1851, p. 10).

Ilha, como também foi determinante para fazer emergir na Madeira um tipo de turismo de contemplação e estudo da flora madeirense[37].

Ao sugerir ao leitor os itinerários para "Afternoon rides"[38], Harcourt destaca a residência de campo de "Mrs. Penfold"[39]. Jane Penfold contribui para a preservação da memória visual dos jardins oitocentistas e para a consolidação da Madeira como destino romântico no imaginário europeu.

No que concerne ao arrendamento das quintas, uma atividade coordenada por figuras britânicas como o "Mr. William Wilkinson" e pelo "Mr. Reid"[40], primava não só pela sofisticação e por um serviço completo de criadagem, como também contribuía para a valorização do setor imobiliário da época, ao adequar a oferta a uma elite turística. No campo científico, Harcourt recupera contributos do "Rev. W. V. Harcourt"[41] sobre o clima madeirense e o "Dr. Heberden"[42], pioneiro nos estudos climáticos e de astronomia madeirense.

Numa perspetiva teórica, João Maria André (2012) refere que o diálogo intercultural emerge de um "confronto entre culturas diferentes num projeto dialógico e de interação"[43], uma circunstância que viabiliza uma coexistência harmoniosa. No entanto, o discurso de Harcourt revela que as comunidades inglesas e madeirenses coexistiam numa base pragmática e utilitária, em vez de num projeto dialógico profundo. Neste contexto, notamos que o discurso de Harcourt assume um papel de mediador cultural, procurando mitigar divergências ao informar o leitor britânico sobre os hábitos madeirenses, como se observa na descrição que o autor faz da sociabilidade nos mirantes:

[37] Albergaria (2016, p. 193).
[38] Harcourt (1851, p. 16).
[39] Harcourt (1851, p. 16). Jane Wallas Penfold (n. 1821) era conhecida do público britânico da época, filha de William Penfold e Sara Gilbert, comerciantes estabelecidos na Madeira desde 1813. É autora de uma publicação dedicada à diversidade botânica da Madeira. Publicada em 1845 e intitulada *Madeira-flowers, fruits and ferns — a selection of the botanical productions of that Islands, foreign and indigenous, drawn and coloured from nature by Jane Wallas Penfold of the Achada, Madeira*, muitas das suas aguarelas ilustram os jardins e a diversidade floral madeirense (Penfold & Garnons, 1845).
[40] William Reid estabeleceu-se na Ilha da Madeira entre 1844/45, foi responsável pela exportação de vinho Madeira e como proprietário da maior cadeia hoteleira da ilha no século XIX, o Hotel Reid's, inaugurado a "1 de novembro de 1891" (Quintal, 2007, p. 511).
[41] Harcourt (1851, p. 40). Segundo o *Elucidário madeirense* (Silva & Meneses, 1998), o Rev. William Vernon Harcourt fez observações sobre o clima madeirense de "Novembro de 1847 e Dezembro de 1848" (Silva & Meneses, 1998, p. 114).
[42] Harcourt (1851, p. 39). Dr. Thomas Heberden residiu na Ilha da Madeira, ficando conhecido nos círculos britânicos como aquele que desempenhou um papel relevante no combate da "epidemia de sarampo de 1751" (Silva & Meneses, 1998, p. 114). Os seus estudos foram publicados na Real Sociedade de Londres, num artigo intitulado "Observations of immersions and emersions of Jupiter's first satellite, made at Funchal, in Madeira, with a reflecting telescope of 18 inches focus, made by Mr. Short. The time was found by taking equal altitudes, with a quadrant of 12 inches radius, made by Mr. Bird, and with the help of a good pendulum clock made in London" (Heberden, 1777). Vide https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstl.1770.0044.
[43] André (2012, p. 64).

> One of the great amusements of the Portuguese who have Quintas, and gardens, by the roadsides, consists in sitting in the Mirântes, or lookout seats, and gazing on the passers-by. This seems quite a national taste, from the laughing black eyes that quiz the estrangeiros in their queer costumes, to the old Morgado in his flowerd dressing-gown. There they sit all day, whilst their dogs come barking at you along the tops of the walls, cracking the drums of your ears by their mongrel yelps.[44]

O excerto acima transcrito ilustra as assimetrias entre a prática social madeirense e a perceção britânica, apresentando o olhar curioso do ilhéu e o ambiente ruidoso das Quintas como um detalhe da identidade madeirense. Ao desmistificar estes comportamentos, Harcourt procura uma "domesticação da alteridade"[45] de modo a assegurar uma convivência pacífica entre as duas culturas. Outras vezes, a sua narrativa adota "uma vertente socio-crítica"[46], particularmente incisiva ao documentar a extrema pobreza da população madeirense, como podemos ler:

> people are comparatively short lived. [...] The inhabitants are poorly fed, poorly clothed, and hard worked. At the age when most nourishment is required, least is often obtained. The growing child frequently lives on cabbage broth. [...] what constitution could stand this long and, when insufficient feeding is added, is it to be wondered at, that few attain to an advanced age? By studying the returns it will be found that there is less longevity, in proportion, in the southern and colder parts of the island; and the parish of Santa Ana, which is remarkable for mist and rain, is remarkable also for a shorter average of life.[47]

Trata-se de um discurso que evidencia as assimetrias socioeconómicas entre as duas nacionalidades e que, inevitavelmente, se reflete na esperança média de vida da população e na estética dos seus corpos, como refere o autor: "You must not look for many pretty faces in Madeira after de age of thirteen, amongst the upper classes inertness, and amongst the lower hard work, reduce the standard of beauty."[48]

Através de uma lente analítica, Harcourt revela-nos que a paisagem humana madeirense é um reflexo das desigualdades sociais e da inoperância das políticas estatais, embora reconheça em algumas instituições locais um amparo às populações desfavorecidas, quando afirma:

[44] Harcourt (1851, pp. 9-10).
[45] Teixeira (2003, p. 1).
[46] André (2012, p. 65).
[47] Harcourt (1851, p. 50).
[48] Harcourt (1851, p. 91).

> There is no provision by law for the poor of the island. Some years ago, as may be seen in old accounts of Madeira, the visitor was shocked by swarms of beggars, thrusting their disfigured members or emanciated babes into the faces of passers-by: but, of late years, the Camera has appointed a large building of its own erection as an Asilo da Mendicidade for these miserable creatures.[49]

Simultaneamente, Harcourt procura cultivar um espírito de cumplicidade entre as duas culturas, quando expõe as dificuldades estruturais da sociedade madeirense. Estas assimetrias culturais "ganham densidade epistémica num processo de ponte de diálogo"[50] de cariz solidário, no qual o autor exorta a comunidade britânica a assumir um papel filantropo em prol dos mais desfavorecidos, como quando informa: "Good food and work are provided at the *Asilo*, which is an institution well worthy the support of philanthropic visitors".[51]

Deste modo, a mediação de Harcourt transcende a mera descrição etnográfica e consolida-se num apelo à responsibilização social do residente estrangeiro perante a população da cidade que o recebe. Apesar da extrema pobreza, os habitantes madeirenses foram aqueles que "[humanizaram] a paisagem madeirense"[52] — uma realidade que se reflete na narrativa mediante a descrição minuciosa das habitações da população empobrecida, na qual a arquitetura espelha uma escassez de recursos, como podemos ler:

> The habitants of the poor in Madeira are of the humblest sort; a few stones piled one above the other, a few pine-sticks into the high roof, bound together with a willow twigs and thatched with straw, form the ordinary style of the tenements of the lower class.[53]

Este excerto evidencia o contraste abissal entre as quintas de elite cosmopolita e as habitações rudimentares dos habitantes menos favorecidos e reforça a tese de que a Madeira oitocentista era caracterizada por uma profunda clivagem social.

No mesmo tom intermediário, Harcourt descreve a classe trabalhadora representada pela sua humildade e resiliência pela busca constante de meios de subsistência, quando refere: "In the Market-place [...] there are men always standing to be hired"[54]. Ao mesmo tempo, estabelece um contraste evidente entre os rendimentos locais e os da classe britânica, quando informa que "Five pence a day and food are reckoned good wages in the

[49] Harcourt (1851, p. 77).
[50] André (2012, p. 65).
[51] Harcourt (1851, p. 77).
[52] Carita (2019, p. 243).
[53] Harcourt (1851, p. 90).
[54] Harcourt (1851, p. 4).

country [...] In town, wages vary from one shilling to fifteen pence *per diem*"[55] e quando desenvolve que: "work is done chiefly on the *give and take* system of America, *i. e.,* I do so much work for you to-day, on the condition that you do so much for me to-morrow"[56]. Identifica-se aqui uma prática de solidariedade funcional entre pares, semelhante ao sistema cooperativo americano. Perante a escassez de liquidez financeira da sociedade mais pobre, emerge a solidariedade.

A mesma humildade e estratificação social é evidenciada pela descrição do vestuário e das normas de conduta social, cujas variações Harcourt mapeia em função da geografia e do estatuto social. No que concerne o campesinato, o autor destaca o pragmatismo e simplicidade da indumentária, como podemos ler:

> The dress of the peasantry is as scanty as is consistent with decency; a pair of linen drawers full and reaching down to the knees, together with loose linen shirt, is the common dress of the men. [...] The more genteel have adopted trousers, and a long yellow boots turned over at the top cover the toes of such as are ashamed of producing them. [...][57]

No espectro oposto, Harcourt analisa a esfera feminina madeirense, que se caracteriza por uma visibilidade pública restrita e cheia de ritual, na qual o traje assume uma função de exibição de prestígio e continuidade, como podemos verificar no seguinte excerto:

> The upper class of women are hardly ever seen in the streets, save on their road to mass or when going to pay a visit; on these occasions all the jewels, plate, and ribbons of apparently very ancient families are to be seen in full display.[58]

Faz-se aqui uma observação do quotidiano feminino, geralmente confinado aos balcões das suas habitações, que revela um choque comportamental latente entre os trajes femininos locais e o das mulheres britânicas. Harcourt adverte, igualmente, para o escrutínio exercido pelas mulheres locais, cujos balcões se transformam num palco para observar as mulheres britânicas, como quando menciona: "The English ladies going to church draw forth many fair beholders and critics, and on Sundays the balconies are lined with native fashion"[59].

[55] Harcourt (1851, p. 107).
[56] Ibid.
[57] Harcourt (1851, p. 90).
[58] Harcourt (1851, p. 91).
[59] Ibid.

Esta curiosidade exaustiva em relação ao "outro" pode ser interpretada à luz de teorizações contemporâneas sobre a insularidade. O isolamento insular potencia o fascínio por modelos culturais externos, manifestando-se no que Owe Ronström (2021) define como relações assimétricas com o desconhecido. Esta circunstância, decorrente da "remotness" e "Islandness"[60], reafirma a existência de fronteiras sociais e culturais que o olhar curioso das mulheres madeirenses tentava simbolicamente transpor.

Harcourt reserva um espaço para elogiar os traços das mulheres madeirenses, destacando os seus cabelos: "The glory of the Maderan women are their hair, which is of the richest growth and blackest hue, and their eyes, which are dark and bright"[61]. De igual modo, caracteriza a mulher pela sua capacidade técnica e dedicação ao trabalho. Independentemente da sua estratificação social ou faixa etária, as competências femininas revelam-se fundamentais para as manufaturas locais, impulsionando a economia em torno do bordado. Ao mesmo tempo, as suas aptidões artesanais transcendem a esfera económica para se integrarem no cenário etnográfico da Ilha, contribuindo para uma identidade visual e cultural[62], como Harcourt menciona:

> The women are famous for their beautiful needleworks, and the nuns very skilful in imitating flowers with dyed feathers. The young girls plying the distaff at the doors of the houses by the roadside add a picturesque effect to the scenery: these distaffs are made simply of the Arundo donae, split and bowed into the proper shade at the top.[63]

De igual modo, Harcourt reconhece no madeirense a sua dedicação ao trabalho e a urbanidade das classes populares, personificadas na figura do "burroqueros"[64], que acompanhavam os estrangeiros em exigentes expedições pela orografia difícil da Ilha; estes são descritos como incansáveis e civis nas suas relações interpessoais, como podemos verificar:

> With southern civility they off their carapúça to every one they meet; they might put to shame many a would-be gentleman by the graceful ease with which they salute each other, and the unassuming uncringing manner with which they comport themselves towards either equals or superiors.[65]

[60] Ronström (2021, p. 272).
[61] Harcourt (1851, p. 91).
[62] Uma evolução das competências artesanais que, segundo Andreia Silva (2021) e António Ribeiro Marques Silva (1994), colaborou para a emancipação da mulher madeirense, uma vez que participaram ativamente no desenvolvimento da Ilha. Segundo os investigadores: "o seu enclausuramento tem aqui o seu fim" (Silva, 1994, p. 174).
[63] Harcourt (1851, p. 92).
[64] Harcourt (1851, p. 8).
[65] Harcourt (1851, p. 90).

Com este retrato, Harcourt sublinha uma elegância comportamental intrínseca à população rural, simbolizada no gesto de retirar a carapuça. Esta humildade, educação e dignidade que caracterizam esta classe social reafirmam a complexidade da descrição humana madeirense, em que a dureza do trabalho coexiste com um refinamento social e uma ética de serviço inabalável.

A leitura que Edward Vernon Harcourt faz da Ilha e dos que nela habitam (sejam residentes estrangeiros ou ilhéus) permite-nos verificar como, no século XIX, a Madeira não era uma Ilha isolada no Atlântico, mas evoluía para se tornar uma centralidade cosmopolita. Através das lentes das Humanidades Azuis e das teorias de Baldacchino e Conkling, podemos constatar como a realidade insular descrita por Harcourt se revela como um projeto comum entre ilhéus e britânicos que se juntam para modernizar e criar uma hospitalidade ilhoa única.

A "Paisagem humana" descrita por Harcourt é um reflexo direto desta complexidade, registada nos contrastes flagrantes entre a opulência das quintas, como a de Henry Veitch ou do Conde Carvalhal, e os ilhéus das classes menos favorecidas, como o campesinato ou mesmo as mulheres, cujo trabalho e resiliência humanizam a Ilha e garantem a sua viabilidade económica.

De igual modo, torna-se evidente que a transformação da Madeira num destino terapêutico não foi um processo passivo. Resultou de uma mediação estratégica do governador local, José Silvestre Ribeiro, e de um grande investimento da comunidade britânica residente (como o caso da Mrs. Penfold), que criaram um mercado de hospitalidade sofisticado para atrair a elite britânica. Foram estas iniciativas e esta malha humana que anteciparam dinâmicas globais de turismo e proporcionaram um diálogo intercultural insular. A Ilha da Madeira afirmou-se como um laboratório de solidariedade; a dureza da vida insular e o refinamento cosmopolita coabitaram uma simbiose única, fazendo da Ilha mais do que um dos destinos terapêuticos mais procurados.

2. A paisagem cultural e social madeirense

Kate Matheson, Chris Pawson e Peter Clegg (2024) sustentam que os estilos de vida das populações insulares oferecem indicadores fundamentais sobre a génese da insularidade[66], afirmando que a identidade islenha é uma componente estruturante deste conceito. Para estes investigadores, a insularidade ultrapassa o espaço geográfico, influenciando a mundividência e o comportamento do ilhéu.

Essa visão é redefinida por Baldacchino (2020), quando argumenta que "Islandess, in and of itself, does not cause anything; however it can contour and nudge behaviours and

[66] Matheson, Pawson & Clegg (2024, p. 2).

systems in particular ways and directions"[67]. Tal permissa converge com a tese denfendida por Conkling (2007), segundo a qual a insularidade "is a connstruct of the mind"[68]. Sugere Conkling que este conceito se manifesta mais como uma estrutura percetiva e cognitiva daqueles que vivem nas ilhas.

Harcourt fornece um exemplo paradigmático desta dinâmica ao observar que: "The English and Portuguese do not mix often together in society, and there is consequently very little to remind you that you are living amongst foreigners."[69] Esta passagem evidencia uma clivagem acentuada entre a cultura madeirense e a inglesa, cujas interações se apresentam limitadas ao estritamente funcional. Os madeirenses percecionam os ingleses como aqueles que contribuem para o desenvolvimento económico regional. A barreira da língua e as assemetrias nos costumes atuam como inibidores de uma sociedade bilateral. Por conseguinte, a comunidade britânica relacionava-se exclusivamente com as elites madeirenses, por imperativos de logística e de residência. O plano social e cultural era privilegiado, de partilha entre pares em clubes e instituições próprias, fazendo surgir na sociedade madeirense um serviço de hospitabilidade com fronteiras impermeáveis.

Neste contexto, Harcourt assume-se, uma vez mais, como um mediador cultural, ao alertar o leitor britânico para a alteridade latente, lembrando à comunidade inglesa que a sua presença na Ilha se inscreve num ecosistema de hábitos e códigos culturais distintos dos seus. Com um propósito pedagógico, o autor rompe com a ilusão de qualquer semelhança entre a comunidade local e a coletividade britânica na Madeira, ao sensibilizar o visitante para a complexidade da cultura local e para a necessidade de reconhecer a identidade do "outro" sob um manto de uma convivência segregada.

Esta disparidade social entre ingleses e madeirenses não deve ser interpretada estritamente como um reflexo da insularidade ou exclusão. O distanciamento social pode e deve também ser atribuído às barreiras linguísticas, uma vez que o domínio da língua inglesa[70] era um privilégio reservado às elites com acesso ao ensino secundário. Por isso, o facto de a maioria dos ingleses e madeirenses não se relacionarem socialmente não nasce de uma rejeição cultural deliberada, mas sim de limitações estruturais, nomeadamente o baixo índice educacional, no que concerne à aprendizagem de uma língua estrangeira.

Neste sentido, e com o objetivo de desconstruir preconceitos, Harcourt acrescenta: "Such intercourse, however, as you hold with Portuguese is agreeable, from their civility, good-nature, and absence of pride."[71] É este um esclarecimento por parte do autor para promover uma dinâmica intergrupal entre identidades assimétricas, ao descrever a

[67] Baldacchino (2020, p. 8).
[68] Conkling (2007, p. 192).
[69] Harcourt (1851, p. 35).
[70] Segundo Rogério Fernandes (1992), somente em 1810 é que a língua inglesa passou a fazer parte do curriculum do ensino secundário madeirense.
[71] Harcourt (1851, p. 35).

população pela sua civilidade e capacidade de adaptação ao outro. Estamos perante uma abertura ao visitante estrangeiro, que funciona como um mecanismo de superação ao isolamento físico e imaginário, e que corrobora a tese de Baldacchino segundo a qual "the 'survival algorithm' of islander life takes in resources, experiences and places from beyond the Island"[72], isto é, o Ilhéu tem a capacidade de integrar recursos, experiências e espaços para expandir os limites da sua própria existência.

Segundo João Maria André (2012), a fundamentação de um diálogo intercultural profícuo e a manutenção de coexistência pacífica entre nacionalidades distintas num mesmo território exigem que as sociedades desenvolvam uma "multiplicidade de práticas sociais no esforço de construírem novas realidades a partir de uma nova solidariedade"[73], uma dinâmica de adaptação que se tornou visível na Madeira oitocentista, onde a insularidade atuou como um catalisador para a estruturação de redes de suporte e sociabilidade.

Durante o século XIX, na Ilha da Madeira, desenvolveu-se uma série de infraestruturas concebidas para satisfazer as necessidades socioculturais tanto dos ilhéus como dos residentes britânicos. Estes últimos encontraram no quotidiano madeirense instituições que lhes garantiam acolhimento nas dimensões social, cultural e religiosa. Estamos perante uma reorganização do território que não só sedimentou a identidade da Ilha como destino cosmopolita, mas também consolidou a paisagem madeirense como uma marca indelével de hospitalidade e intercâmbio cultural. Uma circunstância que nos remete para a reflexão de Augustin Berque (2012), quando menciona a geografia cultural de um território. Segundo o investigador, este investimento em estruturas culturais para uma outra cultura é assumido como uma postura inclusiva e adaptativa que contribui para construir a sua "Paisagem-marca"[74].

Desta forma, Harcourt faculta ao leitor britânico uma explicação da "geografia cultural"[75] madeirense através de um "inventário [do] património ecogeográfico"[76], que se estende à organização institucional da Ilha, com particular enfoque na educação, na vida social e na atividade religiosa.

No âmbito educativo, Harcourt documenta a existência de instituições que refletem a complexidade da estrutura social de 1851, com destaque para o "*Seminario*, or Priests' College"[77], destinado à formação eclesiástica, em que o currículo se centrava no Latim, na teologia, na moral e na música. O autor também destaca a relevância da Escola Médica

[72] Baldacchino (2020, p. 3).
[73] André (2012, p. 86).
[74] Berque (2012, p. 240).
[75] Ibid.
[76] Berque (2012, p. 242).
[77] Harcourt (1851, p. 72).

cirúrgica do Funchal[78], cujo plano de estudo especifica a distribuição das competências académicas:

> The first professor's chair comprises the study of anatomy, physiology, operating surgery, midwifery, and clinical surgery [...] The second professor's chair includes pathology, materia-medica, therapeutics, and clinical medicine. [...] The first professor has given lectures on midwifery, and the diplomas to 50 females, who now practice in the district of Funchal.[79]

A referência que Harcourt faz à certificação de 50 mulheres para o exercício de obstetrícia reveste-se de particular importância histórica, uma vez que revela a emergência de uma formação profissional técnica feminina que visava mitigar as vulnerabilidades da população insular.

No mesmo âmbito, Harcourt regista a existência de "forty-one schools of primary instruction; four are paid by the treasury, of which one is a girls' school, and sixteen paid by the municipal corperation"[80], uma estrutura educativa que, de acordo com Rogério Fernandes (1992), reassume a reforma Pombalina de 1772[81] para o ensino secundário, quando refere: "*Lyceum*, which forms part of a building erected by the Jesuits when they visited the island in 1566"[82] e uma organização de ensino particular na Madeira[83], que funcionava como um organismo alternativo ao ensino público, dividida em duas valências, uma para rapazes e outra para raparigas:

> [...] scattered around the island ten boy's schools, paid by the treasury, with 376 scholars; sixteen boy's schools, paid by the municipal corporation, with 428 scholars, and two girls' schools, with forty-two scholars; four private girls' schools, with twenty-two scholars; and two private boys schools, with twenty-three scholars.[84]

[78] Segundo Silva, Gaspare & Furtado (2021), foi D. Joaquim de Menezes e Athaíde e Florêncio Correia de Melo que organizaram, em consonância com a corte, a criação da escola médico-cirúrgica do Funchal (Silva, Gaspare & Furtado, 2021, p. 13), cujo plano curricular inseria "uma disciplina de Anatomia e Medicina Clínica" (p. 13), como também de outras áreas da medicina, da qual se destaca a "Obstetrícia" (p. 15).
[79] Harcourt (1851, pp. 72-73).
[80] Harcourt (1851, p. 73).
[81] Fernandes (1992) refere que a reforma do sistema educativo surge na Ilha da Madeira com o objetivo primordial de implementar uma rede de escolas elementares focadas na aquisição das competências basilares de "ler, escrever e contar" (Fernandes, 1992, p. 1).
[82] Harcourt (1851, p. 73). Segundo Silva & Meneses (1998), o ensino secundário estava à responsabilidade da Companhia de Jesus até 1759, tendo obrigatoriedade de lecionar aulas "de latim, uma de grego, uma de retórica e outra de filosofia" (Silva & Meneses, 1998, p. 270).
[83] A existência de escolas particulares na Ilha da Madeira teve o propósito de suprir a escassez de escolas nas zonas rurais. De acordo com Fernandes (1992), "compelia as famílias em melhores condições económicas a, de certo modo, se associarem na contratação de mestre particular com vista a educação conjunta das crianças" (Fernandes, 1992, p. 3).
[84] Harcourt (1851, p. 74).

Estes indicadores revelam que, apesar das assimetrias sociais discutidas anteriormente, a Madeira oitocentista dispunha de uma malha educativa em consolidação. De igual modo, a significativa presença de raparigas no ensino particular sugere uma preocupação das famílias mais abastadas com a formação feminina, uma circunstância que contribui para uma transição sociológica da mulher madeirense, na qual esta passa a ter uma maior participação na esfera cultural e intelectual na Ilha.

Segundo Baldacchino (2005), os contextos insulares são propensos à diversidade, uma pluralidade que transcende a dimensão paisagística. Na perspetiva do investigador, a realidade social insular tende a reorganizar-se para dar lugar à alteridade, uma dinâmica que promove uma qualidade de vida alicerçada na integração de um "sense of place", numa compreensão holística do bem-estar[85]. Todavia, a análise de Harcourt sugere que este paradigma de abertura e fluidez social ainda não se encontrava consolidado na Madeira de 1851, apesar da expressiva presença da comunidade inglesa. Sendo as instituições de lazer ambientes propícios à socialização, o autor faz uma crítica incisiva à escassez de espaços públicos e de lazer, ao sublinhar a incipiência de estruturas de sociabilidade cosmopolita madeirense:

> Public amusement is scantily provided for in Funchal. When you have mentioned the Portuguese club, in which a ball is held once a month, and to which a billiard-room is attached, you have almost come to an end of the list of places of resort.[86]

Tal situação reforça a ideia de uma sociedade ainda marcada por insuficiências estruturais, em que a oferta de lazer pertencia a uma elite. A distância entre a teoria de "abertura insular" de Baldacchino e a realidade observada por Harcourt demonstra que a Madeira do século XIX se encontrava num estágio de transição, pois a sociedade ainda não dispunha dos mecanismos necessários para a total integração de uma outra cultura no espaço público. As assimetrias nos hábitos culturais das duas nacionalidades são consideráveis. Esta lacuna na oferta pública levou a comunidade britânica a edificar instituições próprias, visando o seu conforto no quotidiano insular, como menciona Harcourt:

> The English have established a subscription library, where many popular and standard works are to be found, together with the common periodicals and newspapers of the day. The subscription is high, but the luxury you pay for it is great. A subscriber is only allowed to take books home with him to read. [...] The Portuguese

[85] Baldacchino (2013, p. 16).
[86] Harcourt (1851, p. 34).

> Commercial Rooms, to which English are admitted to subscribe, are likewise provided with newspapers.[87]

Esta dinâmica revela uma paisagem cultural estratificada para as classes mais abastadas. No entanto, estes elementos são elucidativos da evolução social e do povoamento ao longo do tempo, sob a égide de sucessivas forças socioeconómicas e culturais, como fundamentado por Smith, Jonas & Denver (2007). Estamos perante uma transição para um modelo de sociedade que integra a alteridade britânica e que reflete uma maior densidade na paisagem humana local.

A precariedade cultural estende-se, igualmente, às artes performativas. Harcourt menciona o insucesso destas iniciativas no Funchal de 1851, ao apresentar uma visão crítica sobre a produção e a receção dramática no contexto luso-insular:

> Theatricals have sometimes been attempted in the Funchal theatre house, but they have always proved failures. In the Portuguese language there are few good plays; good play writing, and good acting, as well as favourable reception of both by the public are rarely met with in Portugal or her colonies.[88]

Esta passagem evidencia o isolamento cultural vivido na Madeira no domínio das artes. A Ilha apresenta um eixo cultural que vive dependente da dinâmica continental, uma circunstância que se traduz num interesse público limitado e numa produção dramatúrgica escassa quando comparada com o contexto de Portugal continental.

Contrapondo esta realidade artística, a Ilha encontrava nos bailes e nas receções organizadas pela elite mercantil uma alternativa social. Conforme informa Harcourt, a hospitalidade dos comerciantes era proverbial e funcionava como um mecanismo de dinamização cultural para suavizar a noção de isolamento perante os visitantes britânicos:

> The hospitality of Madeira merchants is proverbial. They give many pleasant parties and balls for the entertainment of their friends, and all is done that kindness and consideration can do to make people forget the distance at which they are from their home. Funchal Parties are not generally infected with contagion of the late hours of London. It is practicable to unite sociability with prudence, and retire to rest at a moderate hour.[89]

Estamos perante uma sociedade empenhada em instituir práticas sociais sustentáveis e espaços de convergência entre as duas culturas, pela criação de "respostas

[87] Ibid.
[88] Harcourt (1851, pp. 34-35)
[89] Harcourt (1851, p. 35).

criativas, de continuidade (monumentos, espaços e grupos de instituições) ... soluções espirituais (religião)"[90], infraestruturas organizadas para fomentar o "intercâmbio intercultural"[91] e uma "coexistência ecológica"[92] entre duas culturas distintas num território comum.

Harcourt assinala um contraste de costumes em relação à temporalidade do lazer, enquanto as festividades londrinas se estendiam pela madrugada, na Madeira imperava uma sociabilidade moderada com horários mais restritos — um ajuste nos ritmos da vida social que evidenciam uma hospitalidade insular, com normas locais que moldam uma etiqueta social híbrida adaptada ao contexto do arquipélago.

Pete Hay (2006) defende que a condição insular é mais adequadamente definida pelo conceito de "connectedness"[93] do que pelo isolamento geográfico. Esta premissa aplica-se tanto aos ilhéus como aos seus visitantes ou residentes estrangeiros, sugerindo que a insularidade funciona como um centro de relações e não um espaço de confinamento.

Ao transpormos este paradigma para a realidade madeirense de Oitocentos, observa-se que este sentimento de conectividade se manifestou de forma robusta no domínio da tolerância religiosa[94] vivida na Madeira, quando Harcourt menciona: "There are three British places of worship at present in Madeira; two Church of England, and one Presbyterian"[95]. Esta institucionalização do pluralismo religioso é amplamente favorecida pelo "Tratado de Comércio e Navegação, assinado em Lisboa a 3 de Julho de 1842"[96], em que a legislação e o território se adaptavam para integrar a diversidade identitária da crescente comunidade britânica, uma circunstância referida por Harcourt:

> Religious toleration, which always accompanies the progress of a more healthy policy, has now granted to the English in Madeira two places of burial for their dead: the one is used by those constantly resident in the island; the other contains the bodies of those who, seeking for health in a foreign land, have there found rest for

[90] Smith, Jonas & Denver (2007, p. 12). Tradução nossa.
[91] Brito, et al. (2022, p. 21).
[92] Brito, et al. (2022, p. 34).
[93] Hay (2006, p. 23).
[94] Mendonça Leite (2009) esclarece que o século XVIII europeu foi marcado por princípios de origem iluminista, como a igualdade, liberdade e fraternidade, ancorados no pensamento de figuras como Locke, Smith, Montesquieu e Rousseau. Ideais que transcendiam a esfera teórica para se converter numa práxis política, influenciando inclusivamente o pensamento religioso. Neste cenário, a Revolução de 1820 levou a que a religião católica integrasse um projeto liberal de progresso social, ficando estabelecido que a "A Religião Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permitidas aos Estrangeiros com seu culto doméstico". (Leite, 2009, pp. 22-23).
[95] Harcourt (1851, p. 33). Segundo Desmond Gregory (1988), foi construída pelo britânico Henry Veitch em 1822 (Gregory, 1988, p. 79).
[96] Leite (2009, p. 24).

> ever. The cypress droops over the stranger's grave, and many a flower decks his lonely tomb.[97]

Estamos perante uma conjuntura que reflete o esforço institucional de acomodar o outro e consolidar a tolerância religiosa na Ilha da Madeira, uma circunstância que se configura como uma "fronteira, juridicamente assegurada entre 'nós' e 'outros'"[98], como defende Hugo Monteiro. Ao mesmo tempo, vem permitir a aceitação e a inclusão de uma outra cultura numa "cidade-refúgio"[99], ao evidenciar a "resiliência e versatilidade"[100] local que, segundo Hay (2006), caracterizam a ontologia islenha.

Em consonância com Baldacchino (2020), quando vê as ilhas como lugares potenciadores de pluralismo, a religião na Madeira oitocentista é retratada de forma explícita por Harcourt, com o objetivo de promover o respeito pela confissão predominante. Harcourt elucida o leitor sobre as manifestações do catolicismo local, registando tanto a sobriedade dos ritos como a exuberância das festividades populares:

> The ceremonial customs of the Romish Church in Madeira are not observed in a manner to attract much of attention of strangers, unless it be in the grotesque observance of Shrove Tuesday. Bad eggs, water, and blacking are stored in preparation for that day. Some bridge or corner of a street is selected by the different parties of mummers. [...][101]

A par da dimensão antropológica, o autor analisa a estrutura administrativa e eclesiástica da Ilha, destacando a sua dependência institucional face à Ordem de Cristo, quando refere:

> The spiritualities of the island are vested in the *Order of Christ*, and the sovereign, as grand master of the order, presents to the bishoprie, the cathedral offices, canonries, vicarages, and benefices: the church preferment is only *temporarily* filled up by the bishop of the diocese.[102]

A descrição apresentada sublinha a natureza compósita da sociedade madeirense: uma Ilha onde a tradição religiosa e as estruturas de poder do Antigo Regime coexistem com

[97] Harcourt (1851, p. 33). A construção de um cemitério inglês foi possível em 1808 (Gregory, 1988, p. 120).
[98] Monteiro (2022, p. 40).
[99] Monteiro (2022, p. 109).
[100] Hay (2006, p. 22).
[101] Harcourt (1851, p. 34).
[102] Harcourt (1851, p. 68).

um regime de tolerância liberal, desenhando uma paisagem cultural marcada pela tensão entre a herança histórica e uma abertura ao cosmopolitismo.

Complementarmente, Harcourt sente a necessidade de instruir o leitor sobre a topografia religiosa madeirense, enumerando as nove igrejas colegiadas sob a jurisdição do corpo eclesiástico da Madeira: "Santa Maria Maior, São Pedro, Camera de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Machico, Santa Cruz, and Porto Santo"[103].

Esta segmentação confessional e administrativa reforça a ideia de que, para além da barreira linguística, as duas culturas se distanciavam por anacronismos temporais e discrepâncias nos costumes. Esta assimetria corrobora a tese de que a hospitalidade oitocentista na Madeira operava num regime de tolerância formal, sem que se verificasse uma efetiva junção cultural ou uma erosão das barreiras identitárias.

Embora a "geografia cultural" descrita por Harcourt esteja repleta de contrastes, clivagens sociais e linguísticas, a criação de infraestruturas educativas, médicas, culturais (mesmo que por iniciativa estrangeira) demonstra uma vontade deliberada de acolhimento e adaptação por parte da sociedade madeirense oitocentista. De igual modo, a evolução desta "paisagem-marca" não se limita à edificação de espaços, mas estende-se também à construção de uma etiqueta, de uma conectividade e abertura ao outro impulsionada por Harcourt. Este autor atua não apenas como um cronista de costumes, mas como um mediador que documenta o surgimento de uma modernidade insular e de um centro cosmopolita em maturação.

Conclusão

A análise de *A Sketch of Madeira* (1851), à luz das teorias contemporâneas da geografia cultural e da insularidade, permite concluir que a Madeira do século XIX se configurou num espaço de modernidade periférica, onde a "paisagem humana" foi o resultado de uma complexa dialética entre o isolamento geográfico e a conectividade europeia. A "epopeia rural" postulada por Natividade (1953) encontra na narrativa de Harcourt um testemunho rigoroso, em que a Ilha não é apenas um cenário natural, mas uma construção social humanizada pela resistência de um povo que, perante a escassez de recursos e o rigor da estratificação social, logrou adaptar o espaço insular às exigências do cosmopolitismo europeu.

A investigação demonstrou que a presença britânica, longe de ser meramente extrativa, funcionou como um catalisador para a criação de uma "paisagem-marca"[104] madeirense, impulsionando infraestruturas de saúde, de educação, de lazer e religiosas, que moldaram a identidade da Ilha como uma "cidade-refúgio"[105]. No entanto, a

[103] Harcourt (1851, p. 68).
[104] Berque (2012).
[105] Monteiro (2022).

coexistência entre as comunidades madeirense e inglesa revela-se marcada por uma fronteira. O distanciamento social, mitigado pela civilidade e por uma hospitalidade institucionalmente assegurada, não foi apensas fruto da insularidade física, mas também de assimetrias educativas e linguísticas, que impediram uma socialização plena.

Em última análise, a Madeira descrita por Edward Vernon Harcourt exemplifica o conceito de insularidade enquanto "algoritmo de sobrevivência", como defendido por Baldacchino (2020). A transição do papel da mulher na economia do bordado, o desenvolvimento do turismo terapêutico sob a égide de José Silvestre Ribeiro e a edificação de jardins com influência britânica são manifestações de uma coexistência ecológica e cultural. A Ilha afirma-se, assim, como um elo atlântico, no qual "o oceano fomentou interações socioculturais"[106] e contribuiu para a construção de uma identidade insular resiliente, versátil e profundamente marcada pelo diálogo, embora segregado, entre a cultura madeirense e a cultura britânica[107].

Referências bibliográficas

Albergaria, I. S. (2016). Turismo de Jardins na Madeira e nos Açores: Da dimensão histórica à situação atual. [Documento de Conferência] *Colóquio «Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade»* (pp. 187-207). CHAM — Centro de Humanidades, FCSH/NOVA, Universidade dos Açores. http://hdl.handle.net/10362/36741

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: O diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Palimage.

Baldacchino, G. (2005). The Contribution of 'Social Capital' to Economic Growth: Lessons from Island Jurisdictions. *The Round Table, 94*(378), 31-46. https://doi.org/10.1080/00358530500033075

Baldacchino, G. (2013). Island landscapes and European culture: An 'island studies' prespective. *Journal of Marine and Island Cultures, 2*(1), 13-19. http://dx.doi.org/10.1016/j.imic.2013.04.001

Baldacchino, G. (2020). A psychology of islanders? In R. Pine, & V. Konidari (Eds.), *Island of the mind: Psychology, literature and biodiversity* (pp. 1-13). Cambridge Scholars Publishing.

Berque, A. (2012). Paisagem-marca, paisagem-matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In R. L. Corrêa, & Z. Rosendahl (Orgs.), *Geografia cultural: Uma antologia* (Vol. 1, pp. 239-244). EdUERJ. https://doi.org/10.7476/9788575114384

[106] Brito, et al. (2022, p. 21).

[107] Este artigo é a revisão de uma parte da nossa dissertação de mestrado apresentada à Universidade da Madeira em 2025, intitulada *A Sketch of Madeira de Edward Vernon Harcourt: Um diálogo cultural no Oceano Atlântico para a preservação da memória* (http://hdl.handle.net/10400.13/7632).

Brito, C. (2022). Uma Agenda de Investigação nas Humanidades Azuis: Exploração dos Ambientes Aquáticos e os 4 Oceanos em Épocas Pré-Industrialização. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC), 12*(2), 459-474. https://doi.org/10.32991/2237-2717.2022v12i2.p459-474

Brito, C., Vieira, N., Garcia, C., Carvalho, P., Lacerda, T., & Baço, J. (2022). O oceano histórico e ecológico: Narrativas e contextos da época moderna. *Negócios Estrangeiros*, *22*, 21-40. http://hdl.handle.net/10362/142934

Carita, R. (2019). *História da Madeira séc. XIX: O caminho do Liberalismo*. Imprensa Académica.

Clode, L. P. (1984). *Registo bio-bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Caixa Económica do Funchal.

Conkling, P. (2007). On Islanders and Islandness. *Geographical Review*, *97*(2), 191-201. https://doi.org/10.1111/j.1931-0846.2007.tb00398.x

Fernandes, R. (1992). Educação e ensino popular na Madeira (séc. XVIII — 1840). *Separata da Revista da Universidade de Coimbra*, *37*, 1-69.

Gregory, D. (1988). *The beneficent usurpers: A history of the British in Madeira*. Fairleigh Dickindon University Press.

Harcourt, E. V. (1851). *A Sketch of Madeira: Containing information for the traveller, or invalid visitor*. John Murray.

Hay, P. (2006). A Phenomenology of Islands. *Island Studies Journal*, *1*(1), 19-42.

Heberden, T. (1777). Observations of immersions and emersions of Jupiter's first satellite, made at Funchal, in Madeira, with a reflecting telescope of 18 inches focus, made by Mr. Short. The time was found by taking equal altitudes, with a quadrant of 12 inches radius, made by Mr. Bird, and the help of a good pendulum clock made in London. *Philosophical Transactions. The Royal Society*, *60*, 502-503. https://doi.org/10.1098/rstl.1770.0044

Leite, R. M. (2009). *Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea: Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa. http://hdl.handle.net/10400.14/7214

Matheson, K., Pawson, C., & Clegg, P. (2024). Social Psychological prespective on Islandness: Identities, vulnerabilities and precarities. *Island Studies Journal*, *19*(1). https://doi.org/10.24043/001c.92155

Menezes, S. D. (1849). *Uma época administrativa da Madeira e Porto Santo, a contar do* dia 7 de outubro de 1846 (Vol. 1). Typ. Nacional.

Monteiro, H. (2022). *Migrações e hospitalidades: Crítica do cosmopolitismo nas fronteiras do século*. Húmus.

Name, L. (2011). O conceito de paisagem na geografia e a sua relação com o conceito de cultura. *Geotextos, 7*(2), 163-186.

Natividade, J. V. (1953). *Madeira, a Epopeia Rural*. Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

Penfold, J., & Garnons, W. (1845). *Madeira Flowers, Fruits and Ferns: A Selection of the Botanical Productions of the Island, Foreign and Indigenous / Drawn and Coloured from Nature by Jane Wallas Penfold / of the Achada, Madeira*. Reeve, Brothers.

Quintal, R. (2007). *Quintas, parques e jardins do Funchal: Estudo fitogeográfico*. Esfera do Caos.

Raffestin, C. (2008). *Por uma geografia de poder*. Ática.

Ronström, O. (2021). Remoteness, islands and islandness. *Island Studies Journal, 16*(2), 270-297. https://doi.org/10.24043/isj.162

Serrão, J., Barreto, A., & Mónica, M. F. (Eds.) (1984). *Dicionário de História de Portugal*. Livraria Figueirinhas.

Silva, A. (2021). *Histórias de vida das gentes de cima*. 5 Livros.

Silva, A. R. (1994). *Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750-1900)*. Caminho.

Silva, C., Gaspare, H., & Furtado, I. (2021). O ensino de arte obstétrica na Escola Médico-Cirúrgica do Funchal. *Archives of Anatomy: Official Journal of the Portuguese Anatomical Society (SAP/AAP), 10*(1), 12-19.

Silva, F. A., & Meneses, C. A. (1998). *Elucidário Madeirense*. Secretaria Regional de Turismo e Cultura.

Silva, I. (1983). Resenha histórica. In J. Sumares, A. Simoes, I. Silva, & Á. Simões (Eds.), *Transportes na Madeira*. Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Smith, A., Jones, K., & Denyer, S. (2007). *Cultural Landscapes of the Pacif Islands*. ICOMON.

Teixeira, F. C. (2003). Representação histórica: Retórica da alteridade, domesticação da existência. *ANPUH — XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 1-8. https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.230.pdf

Zuquete, A. E. M. (Ed.) (1989). *Nobreza de Portugal e do Brasil* (2.ª ed., Vol. 2). Editorial Enciclopédia.